

Alegorias possíveis: projeto de carros alegóricos nas divisões inferiores do carnaval de São Paulo

Possible allegories: design of parade cars in the lower divisions of the São Paulo carnival

Posibles alegorías: diseño de carros alegórico en las divisiones inferiores del carnaval de São Paulo

*Gleuson Pinheiro Silva, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: gleuson@usp.br  <https://orcid.org/0000-0002-8159-9240>*

Para citar este artigo: SILVA, G. P. Alegorias possíveis: projeto de carros alegóricos nas divisões inferiores do carnaval de São Paulo. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 317-337, 2025.

DOI 10.5935/cadernosp.25n1p317-337

Submissão: 2024-08-09

ACEITE: 2024-11-14

Resumo

Neste artigo, apresentamos projetos de carros alegóricos para o desfile das escolas de samba do carnaval de São Paulo, entre os anos de 2010 e 2024. O objetivo é fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento desse tipo de trabalho em meio às contingências de recursos e de infraestrutura das divisões inferiores do carnaval paulistano. As fontes utilizadas são os croquis, desenhos e registros fotográficos referentes à concepção, elaboração e execução das alegorias. Buscamos, a partir da atividade projetual,



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

demonstrar formas de enfrentar desafios e apresentar respostas que são comuns ao campo das artes, do *design* e da arquitetura.

Palavras-chave: Carros alegóricos; Carnaval; Maquetes; Projeto.

Abstract

In this article we present allegorical car projects for the São Paulo carnival samba school parade, between the years 2010 and 2024. The objective is to reflect on the development of this type of work amid the contingencies of resources and of infrastructure in the lower divisions of the São Paulo carnival. The sources used are sketches, drawings and photographic records relating to the conception, elaboration and execution of the allegories. We seek, from design activity, to demonstrate ways of facing challenges and present responses that are common to design activities in the field of arts, design and architecture.

Keywords: Allegorical car; Carnival; Physical model; Project.

Resumen

En este artículo presentamos proyectos de carros alegóricos para el desfile de escuelas de samba del carnaval de São Paulo, entre los años 2010 y 2024. El objetivo es reflexionar sobre el desarrollo de este tipo de trabajo en medio de las contingencias de recursos y de infraestructura en las divisiones inferiores del carnaval de São Paulo. Las fuentes utilizadas son bocetos, dibujos y registros fotográficos relacionados con la concepción, elaboración y ejecución de las alegorías. Buscamos, desde la actividad de diseño, demostrar formas de enfrentar desafíos y presentar respuestas comunes a las actividades de diseño en el campo de las artes, el diseño y la arquitectura.

Palabras clave: Carros alegóricos; Carnaval; Modelos; Proyecto.

INTRODUÇÃO

Neste texto, discorremos sobre a experiência de projeto de alegorias para escolas de samba das divisões inferiores do carnaval de São Paulo, tendo como base a atuação como carnavalesco¹. Foram escolhidos alguns projetos entre os anos de 2010 e 2024. Nossa objetivo é analisar a referida produção sob a perspectiva da elaboração de projeto e no contexto das significativas transformações, tanto estruturais quanto emergentes, do carnaval paulistano, no período de uma década. O desfile das escolas de samba de São Paulo, originalmente um folguedo negro, tornou-se um espetáculo de massas que assume números e dimensões grandiosos. Desde a oficialização, ocorrida em

¹ Carnavalesco é o profissional responsável pela elaboração dos elementos visuais do desfile, a saber: as alegorias, os adereços e as fantasias.



1964, a festa vem se transformando de maneira significativa, em sua estrutura e formato, atraindo o interesse e a participação dos mais variados segmentos sociais, refletindo conflitos e processos comuns ao conjunto da sociedade (Bello, 2008).

Com a maior atração de público, passou-se à construção de arquibancadas provisórias nos locais onde ocorriam os desfiles, o que colocava os espectadores em posições cada vez mais distantes dos cortejos (Azevedo, 2010). O início das transmissões de televisão, em meados da década de 1980, intensificou o processo de crescimento ou verticalização dos desfiles e, inclusive, concorreu para a criação de um espaço especializado para o evento, o Sambódromo do Anhembi (Baronetti, 2015). Além disso, o crescimento do carnaval de escolas de samba determinou uma escalada na criação de novas agremiações na cidade, movimento esse que acompanhava o crescimento demográfico e a considerável expansão da urbanização, que conheceu o auge, justamente, nas décadas de 1970 e 1980 (Pinheiro, 2020).

Quando foi oficializado, o concurso de escolas de samba era organizado em três divisões. Atualmente, possui sete grupos: os três primeiros desfilam no sambódromo e os demais fazem o denominado “carnaval de bairros” em passarelas montadas em avenidas da cidade. No período aqui tratado, os desfiles foram realizados nos bairros de Vila Esperança, no Autódromo de Interlagos e no sambódromo.

Nessa hierarquia, apenas a primeira divisão, denominado Grupo Especial, tem os desfiles televisionados e, consequentemente, usufrui de verbas de direitos de transmissão, além de conseguir atrair patrocinadores que investem na produção dos desfiles. O historiador Bruno Baronetti (2015) trata das entidades que geriram o carnaval de escolas de samba desde a oficialização e do racha ocorrido na década de 1980 por conta da divisão da verba proveniente dos direitos de transmissão de televisão. A segunda divisão, ou o Grupo de Acesso I, esporadicamente, tem conseguido negociar transmissões de televisão e assim, eventualmente, desfruta dessa verba. Quanto às demais divisões, geralmente, contam apenas com a subvenção municipal para a construção de seus desfiles.

Como mencionamos, os três primeiros grupos, Grupo Especial, Grupo de Acesso I e Grupo de Acesso II, desfilam no sambódromo. Esse espaço foi construído privilegiando o processo de verticalização dos desfiles e, assim, tem determinado as dimensões dos elementos visuais, principalmente dos carros alegóricos, relacionadas à sua arquitetura. Além disso, os três grupos que desfilam no sambódromo possuem condições de investimento bastante diferentes, com o Grupo Especial consideravelmente distante dos Acesso I e Acesso II. Quando olhamos para as agremiações que se apresentam na rua, essa diferença se torna ainda mais significativa.

Sobre a infraestrutura para a confecção dos elementos alegóricos dos desfiles, as escolas do Grupo Especial contam, desde 2016, com a Fábrica do Samba, localizada no bairro da Barra Funda, a poucos quilômetros do sambódromo². Esse espaço

² A Fábrica do Samba foi inaugurada parcialmente em 2016, atendendo à metade das agremiações do Grupo Especial. Somente em 2022



conta com galpões dotados de infraestrutura para a execução das alegorias e dos adereços. Mais recentemente, desde 2019, oficializou-se o espaço pertencente à prefeitura, na zona norte da cidade³, que já era utilizado de maneira informal por algumas agremiações, como o espaço destinado aos barracões das escolas dos grupos de Acesso I e II. As escolas das demais divisões não possuem um espaço desse tipo, e muitas delas não contam sequer com um espaço para abrigar os trabalhos, montando suas alegorias em logradouros de seus respectivos bairros.

Entretanto, a caracterização visual do folguedo é instituída, de maneira vertical, de cima para baixo. Assim, a grandiosidade dos desfiles realizada no contexto do Grupo Especial se torna o paradigma para todos os outros grupos. Nesse sentido, independentemente da capacidade de investimento da agremiação e mesmo da infraestrutura para a construção das peças, procura-se sempre executar elementos com a maior dimensão possível. É importante mencionar que o concurso de escolas de samba possui regulamentos específicos para cada grupo, nos quais são determinadas as obrigatoriedades e quantidades mínimas e máximas de elementos, como os carros alegóricos.

Embora o trabalho desenvolvido ao longo do período mencionado se refira aos conjuntos das peças visuais dos desfiles, vamos nos deter aqui nos projetos de carros alegóricos. Dentro desse recorte temporal, escolhemos quatro trabalhos: dois deles realizados para desfiles constituintes do carnaval de bairro e os outros dois para o desfile no sambódromo. As fontes utilizadas são os elementos de concepção e elaboração de projeto, no formato de croquis, representações bidimensionais e tridimensionais, fotografias de maquetes e de construção dos carros alegóricos. Metodologicamente, procuramos apontar os recursos utilizados para alcançar impacto visual e grandes dimensões no contexto da escassez de recursos e infraestrutura, especialmente nos grupos do carnaval de bairro.

Alegorias e realidade

Carros alegóricos são elementos cenográficos construídos sobre o chassi de um veículo, geralmente de grande porte. Executa-se uma base plana em estrutura de aço sobre a qual, a cada ano, é construída uma nova cenografia. *Grosso modo*, há dois tipos de cenografia: 1. as convencionais, quando são construídos prismas em aço, eventualmente fechados com madeira, sobre os quais se aplicam a decoração e/ou esculturas; 2. as vazadas, quando as formas e os elementos não são fechados por madeira ou tecidos, e, muitas vezes, as estruturas fazem parte da decoração.

Desde a década de 2000, tem se intensificado a participação de profissionais do Festival Folclórico de Parintins, do Amazonas, na elaboração e confecção das alegorias do carnaval paulistano. Entre as principais contribuições tecnológicas desse grupo, podemos apontar o trabalho escultórico misto de estrutura de aço

foi completada a obra.

3 A denominada Fábrica do Samba II localiza-se na esquina das avenidas Zarki Narchi e Otto Baumgart.



com fechamento em isopor e a realização de maquetes, também em isopor. Tradicionalmente, as esculturas de isopor eram realizadas em blocos maciços, porém o isopor é um material de custo bastante elevado. As esculturas mistas se tornaram o tipo predominante devido à redução de custo.

O projeto de alegorias geralmente é composto por desenhos técnicos bidimensionais e perspectivas que simulam a volumetria desejada. Atualmente, usam-se os programas de desenho bidimensional e de modelagem tridimensional. Alguns profissionais utilizam-se de maquetes físicas. Esse é o tipo de representação que preferimos por permitir investigar tanto estrutura quanto acabamento e, ainda, simular a visualização da alegoria a partir dos pontos de vista dos jurados ou dos espectadores. Assim, a maquete é uma ferramenta de investigação, a materialização de uma ideia ainda em elaboração, conforme o entendimento do arquiteto Paulo Mendes da Rocha (2007, p. 55-59):

A maquete, muito simples, está realizando uma coisa que você quer ver. O diâmetro certo, a altura certa, a escala humana. Você consegue ser esse personagem, ajoelha no chão para ver dentro da maquete, é muito bonito! Fecha a janela, espera de noite, tira o abajur Zinho da mesa de luz e traz perto da maquete, vê os efeitos da luz... você vê o tamanho das coisas, a sua proporção, vê as transparências.

Os croquis iniciais são sempre elevações, uma vez que a principal questão que envolve o projeto de alegorias é a volumetria. Assim, plantas baixas ou vistas superiores costumam aparecer em um segundo momento. Além disso, é considerada a altura de transporte ou circulação das alegorias até o local de desfile, limitada em 4 metros, visando garantir que passe sob a fiação elétrica e os viadutos e as pontes da cidade. A altura de 4 metros, geralmente indicada nos desenhos, constitui-se em uma dimensão de transição, determinando elementos que podem ser fixos no chassi e os que, obrigatoriamente, precisam ser móveis ou de encaixe.

Para o carnaval de 2010, a Escola de Samba Unidos de São Miguel se encontrava na quinta divisão do carnaval de São Paulo, e o tema escolhido tratava das marchinhas carnavalescas. O carro abre-alas fazia referência à marchinha “Mamãe, eu quero”, trazendo elementos do universo infantil mencionados na letra da música. Essa primeira proposta era constituída por quatro esculturas de bebês que giravam em torno de um eixo central. A dimensão das esculturas teria a função de delegar a verticalidade do conjunto. Para aumentar a dimensão da alegoria, usava-se o artifício de criar uma estrutura que se encaixava no chassi principal, sendo empurrado por ele; no jargão do carnaval, essa peça se chama “avancê”. Em um primeiro momento, sobre o avancê era representada uma mamadeira envolta por chupetas. Posteriormente, optava-se por trazer a mamadeira maior para o eixo de rotação das esculturas de bebês. Também, nesse desenvolvimento da ideia, as chupetas seriam os elementos de acabamento das laterais da base da alegoria.



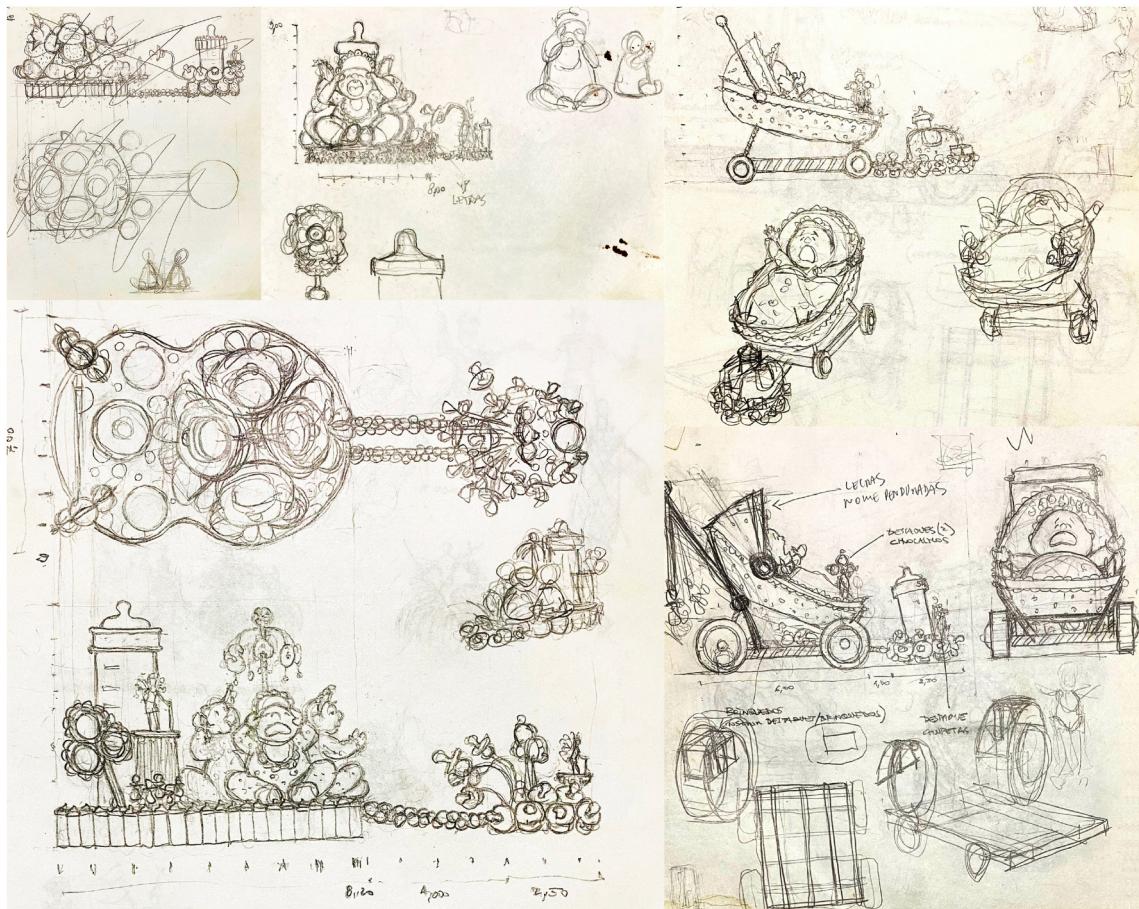


Figura 1: Croquis de concepção do projeto de carro abre-alsas para o carnaval de 2010, elevação e vista superior. Técnica: Grafite sobre papel sulfite. Fonte: Acervo pessoal.

A dimensão das esculturas de bebês apresentava-se como de difícil viabilização, uma vez que demandaria uma estrutura mais robusta. Optou-se então pela redução das dimensões das esculturas dos bebês, que passariam a altura de 4 metros, podendo assim ser transportadas fixas sobre o chassis. É importante ressaltar que procurava-se evitar a realização de esculturas muito grandes que precisassem ser transportadas por caminhão ou carreta, acarretando despesas com transporte. O guincho para levar os chassis já possuía um alto preço, então era importante que as peças maiores das alegorias viajassem sobre a base, mesmo que desmontadas, inclinadas ou tombadas.

Essa proposta chegou a ser consolidada em croqui, inclusive com a indicação do letreiro com o nome da agremiação (uma das obrigatoriedades que as escolas devem apresentar no carro abre-alsas). Procurava-se também investigar formas menos convencionais para a alegoria, evitando-se prismas retangulares e buscando-se dar um contorno curvilíneo à base do chassis, como se pode observar na vista superior. Entretanto, ainda tínhamos uma alegoria que não trazia uma conformação inovadora de fato. Foi então que se passou a aventar a ideia de fazer uma alegoria que desconstruísse a ideia de mesa (chassis) sobre a qual são dispostas as esculturas.



A proposta então mudou de maneira bastante significativa, e a base da alegoria transformou-se na base de um carrinho de bebê, em escala multiplicada (desenhos à direita, Figura 1). Essa ideia trouzia como inovação a possibilidade de ter um chassi com estrutura aparente, desprovida de madeira ou outros fechamentos, ou seja, um chassi vazado. Embora o conjunto cesto e bebê possuísse grandes dimensões, poderia ser transportado de maneira “deitada”, dentro da limitação de 4 metros de altura, inclusive de maneira semelhante aos carrinhos de bebê dobráveis.

Após o estudo em croquis, foram executadas as maquetes na escala 1:25 que serviriam para testar a volumetria, decidir sobre a combinação de cores e materiais a serem utilizados. Ainda, seria a representação do projeto utilizada pelo serralheiro que construiria a estrutura. Assim, o sistema estrutural da maquete simulava a estrutura que seria construída. Para se aproximar do comportamento dos tubos de aço, utilizaram-se arame galvanizado e varetas de PVC ou palitos de madeira – quando não era necessário fazer curvas. Já as áreas que receberão revestimento em madeira ou terão acabamento fechado, na maquete são executadas com placas de papelão ou papel-cartão. Não foram realizados modelos de estudo, entretanto a própria realização do modelo final constitui-se em um processo de investigação. Para esse projeto, era fundamental simular, de maneira o mais fiel possível, o chassi com suas barras principais e até mesmo os pneus.



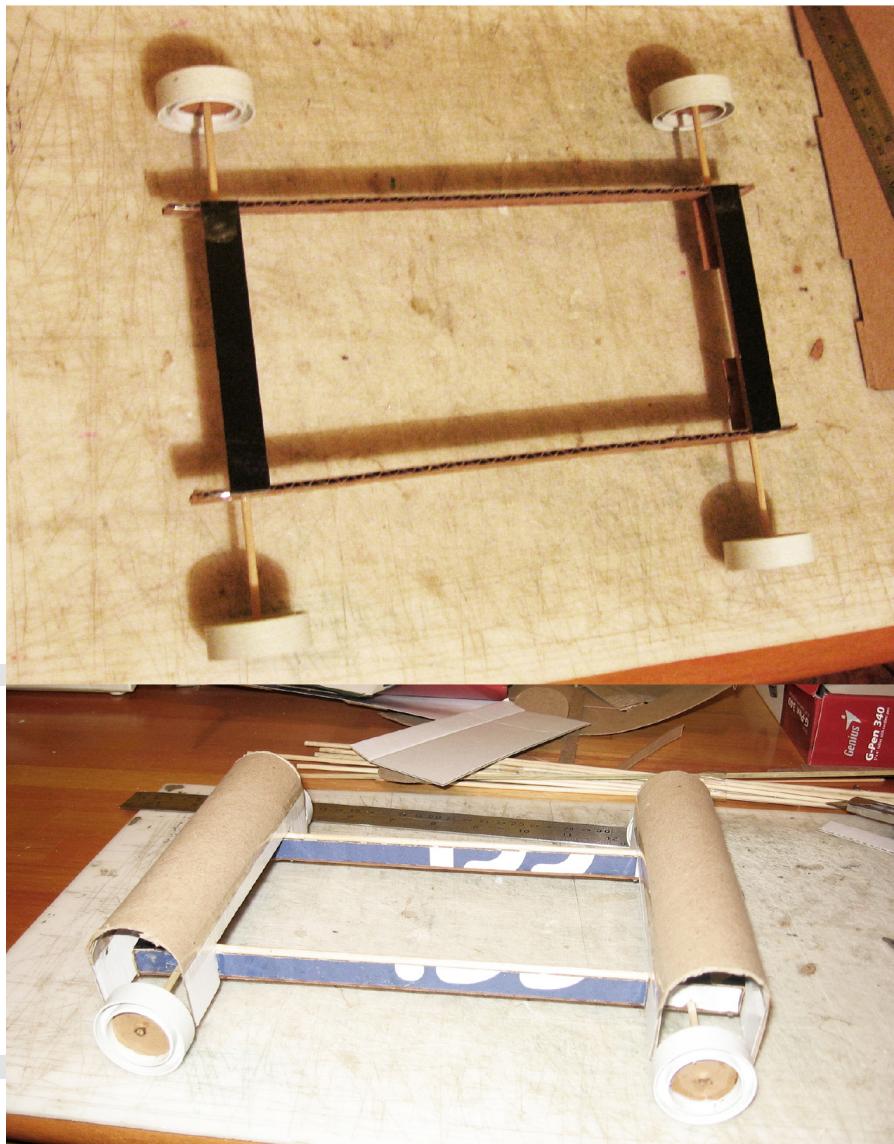


Figura 2: Maquete escala 1:25, representação do requadro do chassi com pneus e peças de fechamento. Fonte: Acervo pessoal.

Foi pensada uma decoração que se sobrepusesse às estruturas dos pneus e seus respectivos eixos (Figura 2), uma vez que os dispositivos de direção e rolamento não poderiam ser decorados. A ideia inicial era que os próprios pneus da alegoria ficassem aparentes e se apresentassem como as rodas do carrinho de bebê. Entretanto, resultaria em uma alegoria de dimensões bastante reduzida, segundo a proporção das rodas. Assim, optou-se por fazer rodas decorativas, de tamanho maior e que ocultassem os pneus, conforme podemos ver na Figura 3.





Figura 3: Maquete escala 1:25, representação da estrutura e maquete finalizada. Fonte: Acervo pessoal.

No desenvolvimento da maquete, foi acrescentada à alegoria uma plataforma em cada lateral, para receber as composições⁴, cujas fantasias representariam chocinhos. Todo o fechamento do cesto do carrinho era realizado em tecido, o que fazia com que resultasse em uma peça leve. A altura da barra de empurrar o carrinho de bebê era o elemento responsável por delegar verticalidade ao conjunto, posto que uma alegoria com a base vazada tendia a apresentar ser menor que as alegorias convencionais. A dimensão da alegoria não é um critério objetivo de julgamento. Entretanto, comumente se associa impacto à imponência e à dimensão, de maneira subjetiva.

⁴ Composições são grupos de pessoas, geralmente com fantasias iguais, que desfilam sobre a alegoria, ajudando a compor a representação da ideia ou do tema.



A Escola de Samba Unidos de São Miguel, nesse carnaval, não contava com galpão para construção de suas alegorias. Assim, executavam-se as estruturas em um terreno baldio do bairro, e a decoração era produzida para ser aplicada somente às vésperas da apresentação. Tal situação condicionava o dimensionamento do trabalho para que pudesse ser montado em três dias, que era o prazo no qual as alegorias permaneciam em preparação no local de desfile. Em 2010, os desfiles do então Grupo III da União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) foram realizados no bairro de Vila Esperança, na Avenida Alvinópolis.

Na Vila Esperança, as alegorias são montadas sob o Viaduto Vila Matilde, nos dias que antecedem o desfile. Um importante fator de limitação da dimensão das alegorias nos desfiles que acontecem na Vila Esperança, além das questões sobre recursos financeiros na quinta divisão e espaço para trabalho, é a passarela do metrô, cujo vão permite alegorias com no máximo 7,40 metros de altura. Todo o material de decoração foi confeccionado previamente para ser aplicado na estrutura. Esse tipo de organização do trabalho, em que as peças de decoração não são desenvolvidas diretamente sobre a estrutura, demanda um rigoroso controle da dimensão tanto da decoração quanto da estrutura, para que não faltem áreas a serem decoradas nem haja falhas de acabamento.

Em 2010, a Unidos de São Miguel conquistou a ascensão para a quarta divisão do carnaval, para o ano de 2011. Neste ano, os desfiles dessa divisão foram realizados no Autódromo de Interlagos, na zona sul da cidade. Para a Unidos de São Miguel, que continuava sem galpão, quadra ou qualquer espaço para ensaios ou construção dos elementos visuais dos desfiles, desfilar em um local tão distante era um grande desafio. Como já mencionamos, a estratégia adotada pela escola era fazer as peças decorativas dos carros para que pudessem ser aplicadas às vésperas do desfile, já no local da apresentação. Muitas vezes, para apoiar esse trabalho, era necessário produzir rapidamente adereços ou peças nas residências que serviam de oficina, em São Miguel, e levá-las em caráter emergencial até a concentração. Porém, constantes viagens entre Interlagos e São Miguel Paulista eram inviáveis.

Para o carnaval de 2011, o tema escolhido foi o ato de cantar, com o enredo intitulado “Quem canta, seus males espanta”. Conceberam-se duas alegorias, e a que tratamos aqui se referia aos cantos das torcidas de time de futebol nas arquibancadas. A seguir, temos alguns croquis de concepção das primeiras ideias.

A ideia inicial para a alegoria era reproduzir uma arquibancada de estádio de futebol e o campo. Como a arquibancada, no contexto do enredo, precisava estar ocupada pela torcida, aventava-se a possibilidade de colocar elementos humanos como os torcedores. Entretanto, isso determinaria uma carga bastante grande para o chassi disponível e poderia representar um problema para o desfile, posto que a escola não possuía recursos para reforçar a estrutura. As estruturas das alegorias quase sempre são feitas em tubos de aço, os quais têm um custo elevado. Assim, quando precisam receber grandes cargas, acabam por se tornar



muito caras. Elementos cenográficos utilizam tubos de bitolas menores e paredes menos espessas, tendo um custo muito mais acessível.

Definiu-se a representação do campo de futebol a partir de um tecido, com a largura da alegoria, estruturado por pessoas que se posicionariam em aberturas onde seria possível colocar a cabeça – como uma gola de camiseta – conformando, assim, o tapete. Para a arquibancada, em vez de utilizar pessoas, pensou-se em fazer bonecos bidimensionais (placas), que seriam fixados em um mecanismo giratório e permitiriam realizar a troca das “torcidas” cenográficas. Embora esse efeito de troca das torcidas exigisse uma estrutura especial, por serem peças leves, o custo era bastante menor do que se fossem utilizadas pessoas. O chassi tinha uma plataforma quadrada de 5 metros, e, com o artifício do campo de futebol, com 7 metros de comprimento, a alegoria tinha sua dimensão multiplicada.

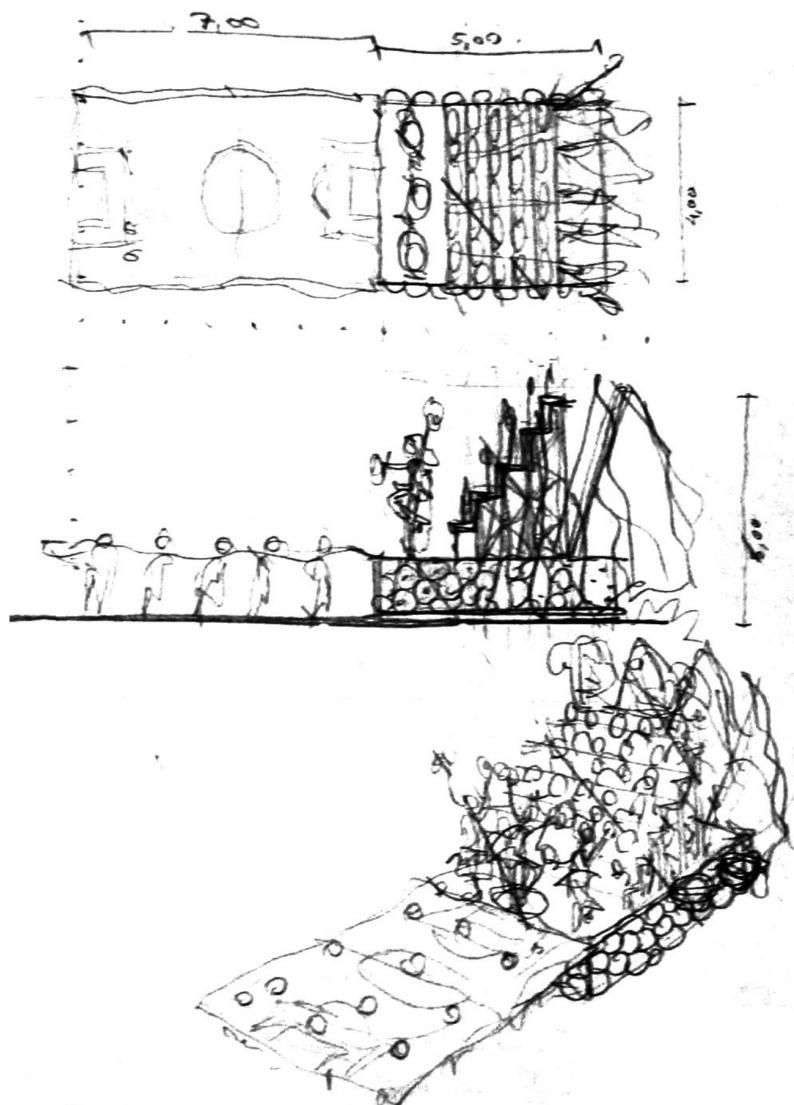


Figura 4: Croquis de estudo da segunda alegoria para o carnaval de 2011, vista superior, elevação e perspectiva. Técnica: Grafite sobre papel sulfite. Fonte: Acervo pessoal.



O serralheiro que iria construir a estrutura das alegorias trabalhava em uma outra agremiação de outro bairro que possuía barracão. Assim, a Unidos de São Miguel conseguiu fazer um acordo para compartilhar o barracão dessa agremiação, e as estruturas foram construídas distantes. É comum que as agremiações das divisões inferiores compartilhem profissionais especializados. Por estar mais distante do bairro, uma das solicitações do serralheiro foi o desenho técnico com as dimensões das alegorias.

Do croqui para a consolidação no desenho técnico, houve algumas mudanças: à frente das arquibancadas, havia esculturas representando animadoras de torcidas. Optou-se, então, por utilizar pessoas representando-as e trazer um troféu no centro. Também, na parte traseira, foram incluídas três plataformas para destaque⁵. A escultura representando troféu não utilizaria estrutura metálica, e no desenho foi indicada apenas a plataforma na qual ela seria encaixada.

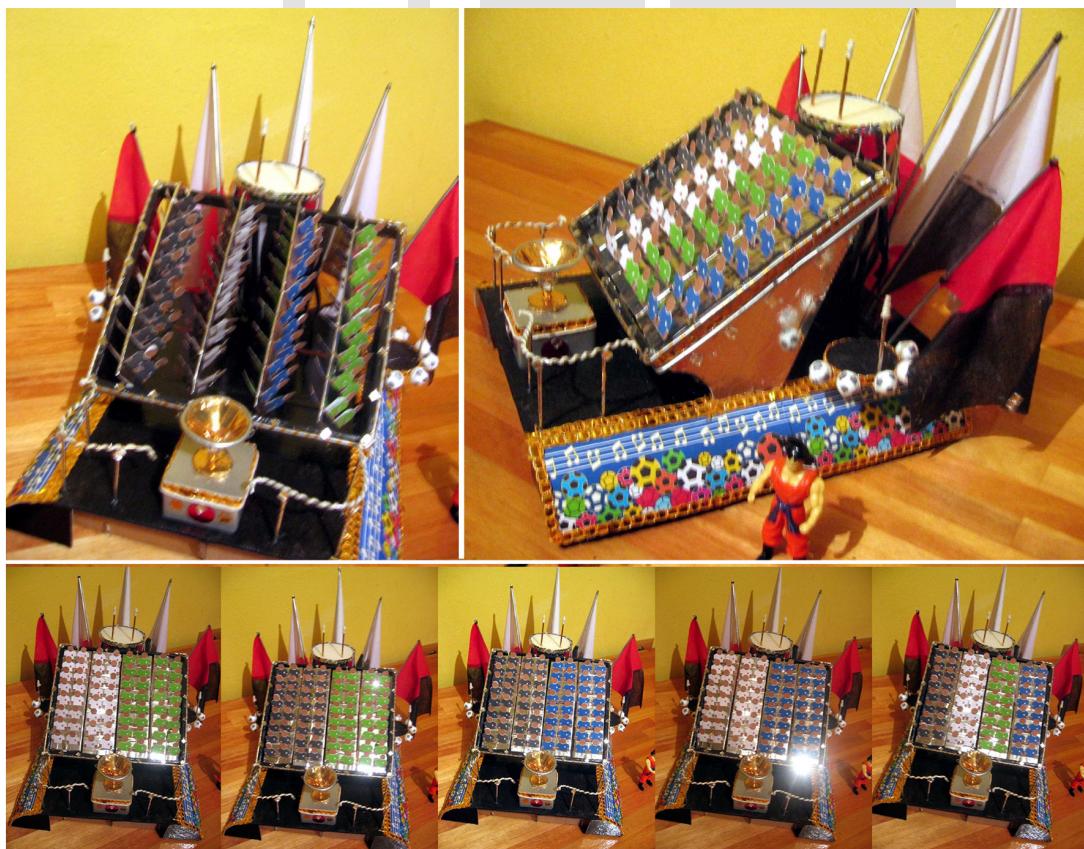


Figura 5: Maquete alegoria 2, 2011, escala 1:25. Fonte: Acervo pessoal.

Devido à elaboração dos desenhos técnicos, nesse ano as maquetes foram mais utilizadas para estudo e definição da decoração. A maquete foi executada sem a representação do tapete que seria o campo de futebol. Como recurso para aumentar a largura da alegoria, propunha-se que as laterais da base fossem

⁵ Destaques são pessoas que utilizam fantasias de luxo e de grandes dimensões representando pontos importantes do enredo ou do carro alegórico em que estão inseridos.



curvas. As bandeiras na parte de trás também constituíam um artifício para que a alegoria parecesse maior. Como podemos ver na Figura 5, o mecanismo de giro possibilitava a utilização de quatro cores diferentes para as torcidas, e assim o arranjo podia ser feito obtendo duas cores ou até quatro cores simultâneas na arquibancada. O mecanismo de troca das torcidas funcionava por meio de quatro requadros nos quais eram enfileirados pares de bonecos com a mesma cor de camisa em cada uma das faces. Na Figura 6, temos um registro da alegoria no desfile. Nessa figura, é possível observar que o tapete que representava o campo de futebol teve sua largura reduzida na execução, comprometendo a ideia de ampliação da base do carro.



Figura 6: Imagem da alegoria no desfile no Autódromo de Interlagos. Fonte: Acervo pessoal.

Agora passaremos a dois trabalhos com melhor condição de execução, na terceira divisão do carnaval, em uma escola que possuía espaço abrigado para construção das alegorias e dos adereços. A Escola de Samba Camisa 12 havia subido para a terceira divisão e, no carnaval de 2018, teve como tema São Jorge, padroeiro do Sport Clube Corinthians Paulista. Essa agremiação é oriunda de uma torcida organizada do clube.

Como a agremiação havia subido do carnaval de bairros para o desfile no sambódromo, achou-se necessário aumentar o tamanho das alegorias, visando causar maior impacto. O tema da segunda alegoria eram as representações de São Jorge na umbanda, na figura dos sete falangeiros⁶. As esculturas seriam

⁶ Na umbanda, falangeiros são espíritos que trabalham segundo a vibração dos orixás, representados como os caboclos, os pretos-velhos e as crianças (erês) (Ortiz, 1991).

inseridas nos prismas vazados, nos quais se representavam os elementos característicos dos orixás aos quais cada um deles se relacionava. O suporte do primeiro falangeiros projetava-se para fora da base da alegoria, ampliando seu comprimento de 13 para 16 metros.

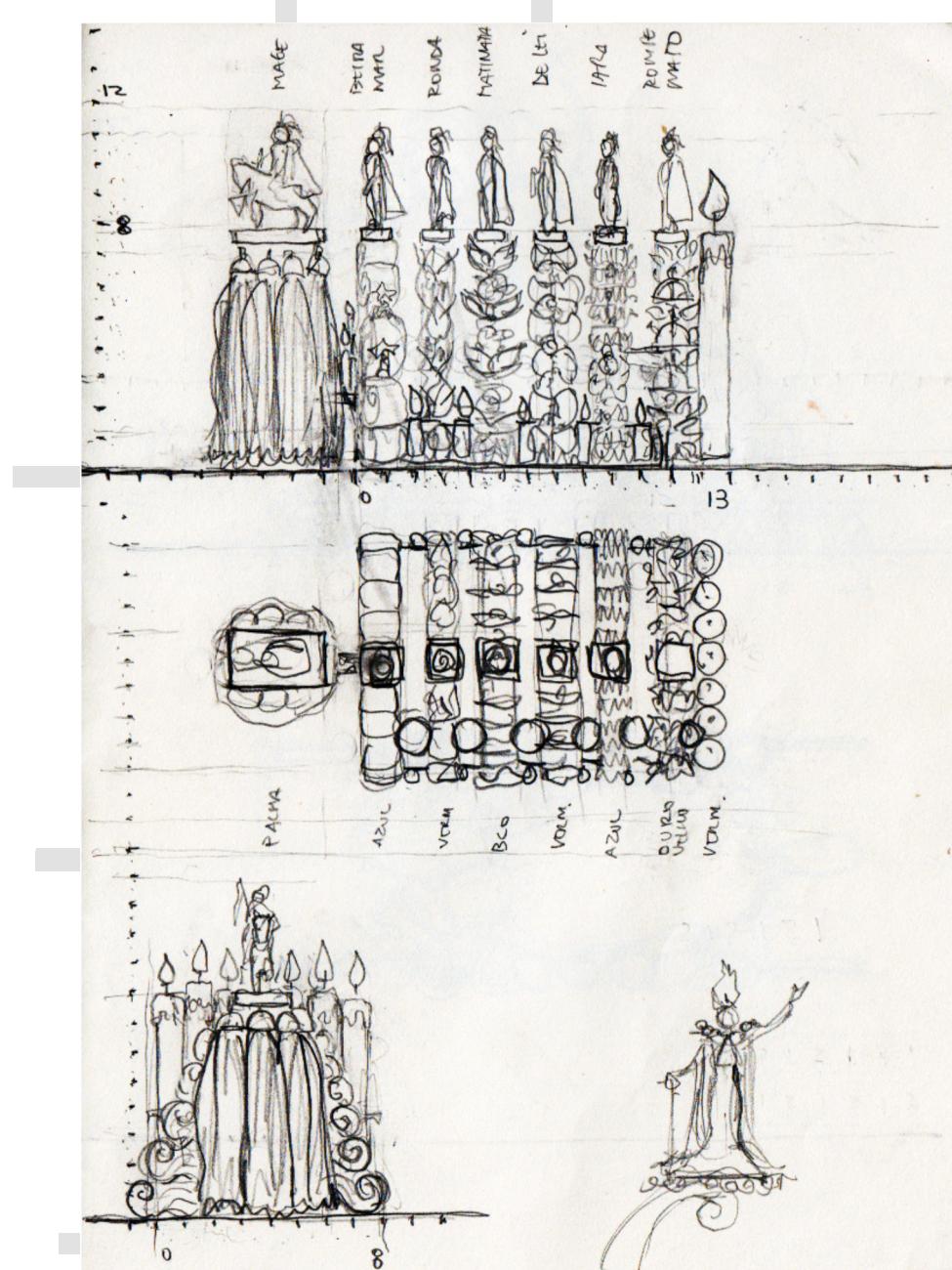


Figura 7: Croquis de concepção da segunda alegoria do carnaval de 2018. Técnica: Grafite sobre papel sulfite. Fonte: Acervo pessoal.

Em seu projeto, foi testada uma metodologia diferente com a substituição da maquete física por um modelo digital. Realizaram-se a modelagem em programa de desenho tridimensional e a geração tanto de desenhos bidimensionais, com



as cotas, quanto de perspectivas renderizadas, visando simular a textura dos materiais. As figuras dos falangeiros foram desenhadas à mão, digitalizadas e coloridas em programa de ilustração.

Em relação aos croquis iniciais, no desenvolvimento do modelo foram suprimidas as velas que faziam a traseira da alegoria. Também, entre os prismas nos quais eram inseridos os falangeiros, foram alocadas plataformas para os destaques, em forma de atabaque. Essas plataformas alcançavam a altura-limite de transporte, e a parte superior dos prismas, que alcançavam os 7 metros, era de encaixar.

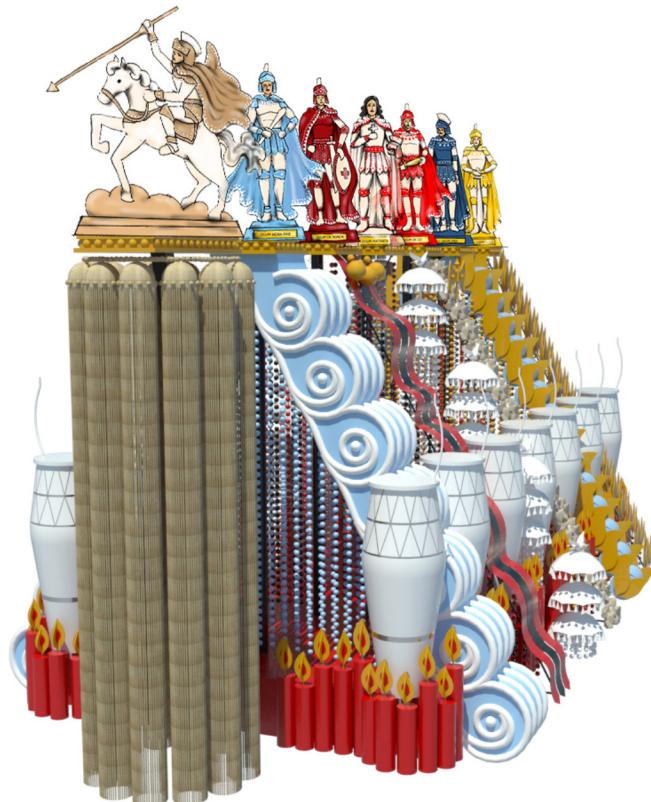


Figura 8: Renderização da segunda alegoria, carnaval de 2018. Técnica: Modelo digital e ilustração. Fonte: Acervo pessoal.

Foram desenvolvidos desenhos de execução para cada uma das esculturas, com as dimensões e imagens de referência, conforme as representações das entidades na cultura popular. Nas divisões superiores do carnaval, há mais recursos financeiros, e, consequentemente, existem mais profissionais, e uma maior variedade de técnicas é empregada. Como essas esculturas foram realizadas em isopor, demandaram-se desenhos específicos. Multiplicam-se e subdividem-se as peças de projeto, uma vez que são produzidos desenhos específicos para os serralheiros e para os escultores de isopor.

No processo de execução, perderam-se alguns elementos decorativos previstos, sendo os mais significativos as velas que estariam em volta da base da alegoria.



Além disso, a não realização do teste da decoração em modelo físico comprometeu o resultado, principalmente da decoração dos prismas com as características dos orixás. Em alguns deles, a realização de pintura para simular texturas não gerou uma representação e um resultado satisfatórios.

Outro exemplo de trabalho na mesma divisão do carnaval é o projeto desenvolvido para a mesma agremiação para o carnaval de 2024, cujo enredo era a história de Chico Rei. Novamente a ideia era conseguir uma volumetria de impacto, porém evitando-se a utilização de prismas fechados.

O carro abre- alas representava o sequestro de Chico Rei no Reino do Congo e a travessia do Oceano Atlântico no navio negreiro. A ideia, desde o início, era fazer uma alegoria vazada, constituída por tiras de tecidos e plásticos, que representassem a água do mar. O conjunto era dividido em três partes, com o primeiro carro menor representando o Reino do Congo; a segunda parte, o sequestro, e o chassi principal; o oceano com o navio negreiro. As esculturas, no meio da tempestade, eram as inquices, entidades da mitologia Bantu que, no enredo, tentavam impedir o sequestro de Chico Rei.

No croqui de consolidação da proposta, temos as dimensões do conjunto. O chassi principal tinha 11 metros de comprimento, e o conjunto de alegorias alcançava cerca de 28 metros. Nos desenhos, aparece a modulação considerando a altura de transporte, limitada a 4 metros. Assim, todos os elementos acima desse limite seriam de encaixar. Para o navio, era previsto um movimento de vai e volta, em meio giro para simular a navegação em meio à tempestade.



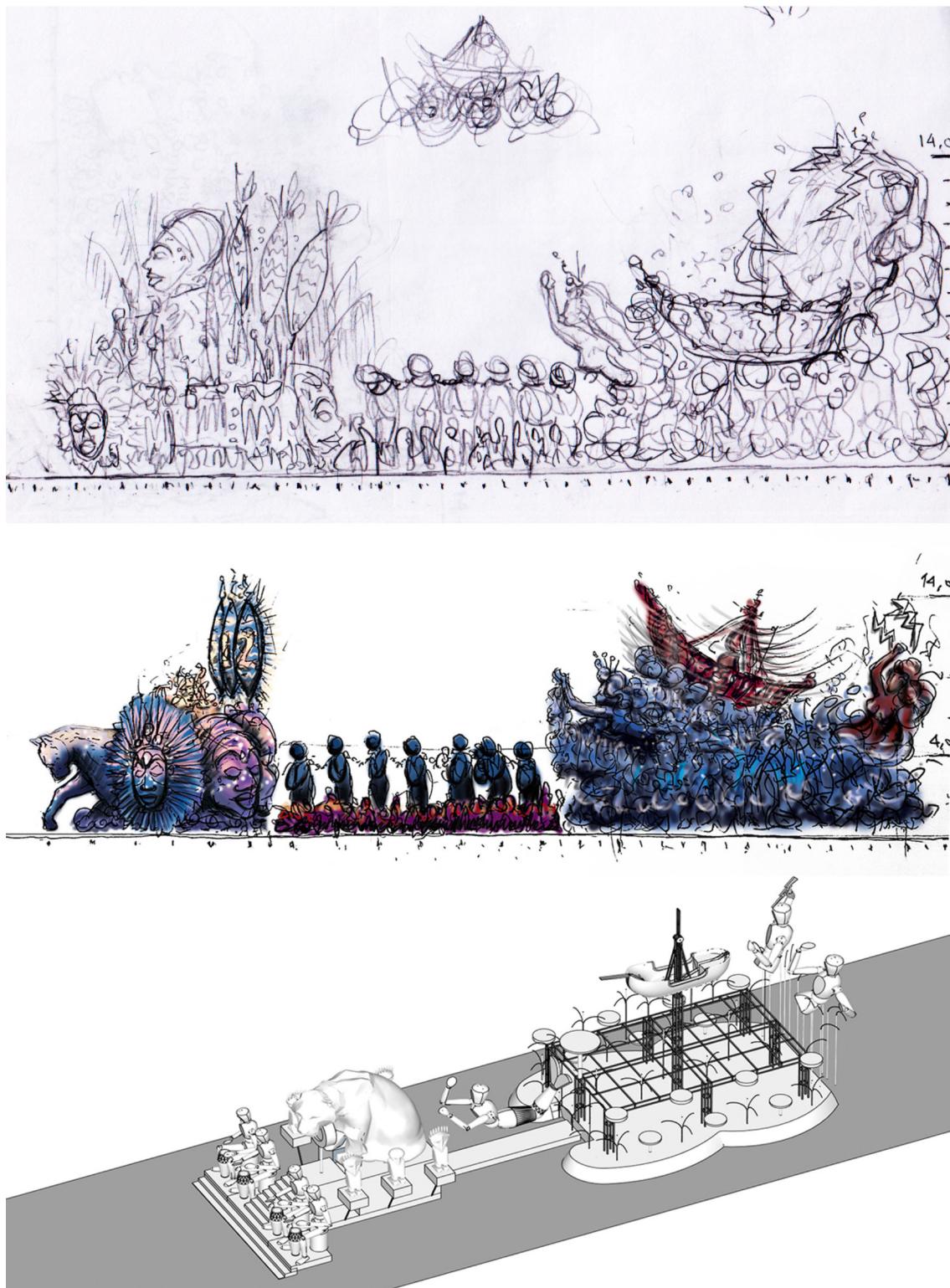


Figura 9: Croqui inicial de apresentação da ideia e modelo eletrônico de estudo da estrutura do carro abre-elas, carnaval de 2024. Técnica: Desenho à mão e colorização digital; programa de modelagem 3D. Fonte: Acervo pessoal.



Depois dos estudos iniciais em croquis, foi executado um modelo eletrônico para confirmação das medidas da estrutura. Optou-se por aproveitar a estrutura existente do carro, com altura de 4 metros, utilizada no carnaval anterior. Esse é um procedimento bastante usual, mesmo nas agremiações da primeira divisão: a concepção da alegoria aproveitando-se da estrutura metálica utilizada anteriormente. Isso ocorre porque, como já mencionamos, o aço, amplamente empregado nas estruturas, tem um custo bastante elevado.

Em relação ao croqui inicial, o segundo tripé, que representava o sequestro, passou a representar o mar, com a escultura de Mikaya, a inquice dos mares e oceanos. A representação do sequestro foi transferida para a escadaria do primeiro elemento alegórico, sendo uma encenação realizada por componentes da escola. No modelo tridimensional, também aparecem os postes com três hastes que compunham a decoração da parte superior da alegoria, solução que visava utilizar o mínimo possível de aço. O volume da parte superior seria alcançado com cortinas de tiras de tecido e plástico.

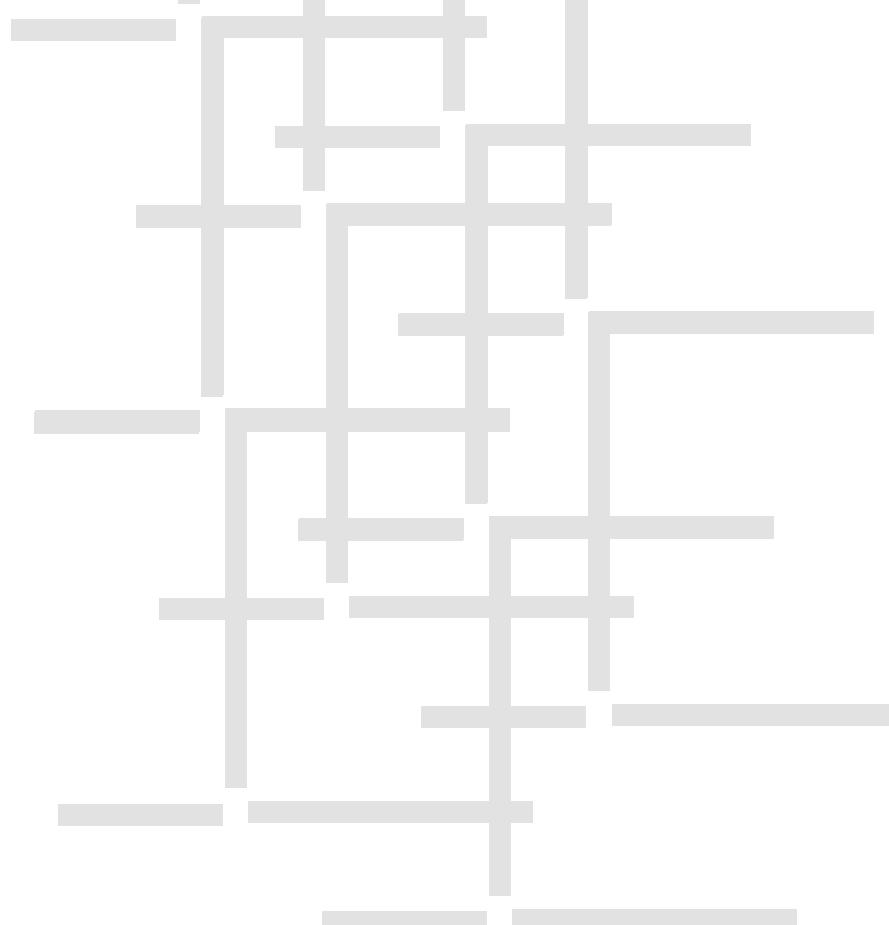




Figura 10: Maquete física carro abre-alas e alegoria na concentração do sambódromo, carnaval de 2024. Fonte: Acervo pessoal.



A maquete física (Figura 10) reproduz a base da alegoria reutilizada. Esse procedimento era importante para garantir que a posição das hastes, compatibilizada com a estrutura existente, resultasse no efeito desejado. Também se definiram as tonalidades a serem utilizadas. A estrutura foi usada para a fixação de cortinas de tiras que faziam o fechamento do carro, mas não configuravam paredes. Assim, conforme a movimentação, era possível compreender a profundidade da cena criada. Ainda, foi testada na maquete a movimentação do navio, no topo de uma torre metálica.

As hastes da parte superior da alegoria possuíam duas alturas: 2 metros e 4 metros. Apesar das dimensões, eram peças relativamente leves que podiam ser manuseadas por duas pessoas. Por sua vez, o acabamento em tiras permitia a movimentação na decoração, criando um interesse maior do que numa superfície de parede, estática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dos projetos expostos neste artigo permite refletir sobre algumas soluções em ambiente de escassez de recursos ou de infraestrutura, apresentando respostas para um evento que, embora originalmente seja uma festa popular, assumiu, progressivamente, um caráter de grande espetáculo, em uma competição cada vez mais dispendiosa. Nesse contexto, as agremiações, mesmo em divisões inferiores do carnaval, se veem impelidas a apresentar um visual de impacto.

Dentro da tradição dos projetos de alegoria, a opção pelos carros alegóricos vazados é resultante das contingências nas divisões inferiores do carnaval, mas também expressa uma opção artística por essa característica cenográfica, em que é possível tirar partido da profundidade e do jogo de luz e sombra. Tal procedimento relaciona-se, no campo da arquitetura, à oposição entre volumetrias fechadas e solides, em oposição às transparências, aos recortes e às tramas.

Além disso, o método de elaboração de projeto celebra a importância da realização de maquetes físicas como meios de investigação e de definição das soluções. As maquetes permitem projetar a estrutura e os eventuais movimentos com maior precisão sobre o dimensionamento dos materiais a serem utilizados, bem como seu desempenho. Ainda, permitem verificar previamente o resultado da utilização ou combinação de cores e texturas, bem como simular a visualização da alegoria a partir do ponto de vista dos espectadores e dos jurados, de maneira dinâmica. Contudo, identificamos limitações quando se desenvolveram somente modelos eletrônicos, principalmente por não permitirem a simulação física dos materiais e seus respectivos comportamentos estruturais e de textura. Ainda, as maquetes, como ferramentas de comunicação entre os diversos trabalhadores do barracão, mostram-se mais eficientes, por serem mais acessíveis, dispensando o conhecimento prévio de leitura de desenhos técnicos.



Por fim, a metodologia de desenvolvimento dos projetos de alegorias para o carnaval guarda muitas relações com o campo do *design* e da arquitetura, especialmente no que diz respeito à linguagem utilizada para representação e às ferramentas de concepção e elaboração de projeto.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. de A. *Fantias negociadas: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX*. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BARONETTI, B. S. *Transformações na avenida: histórias das escolas de samba da cidade de São Paulo (1968-1996)*. São Paulo: LiberArs, 2015.
- BELLO, V. de L. *O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PINHEIRO, G. *Raça, cultura e disputa territorial: o caso do Príncipe Negro da Cidade Tiradentes*. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ROCHA, P. M. da. *Maquetes de papel*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

